



OPINIÃO

O problema não é apenas o vazamento. É a crise da confiança digital.

Sebastián Stranieri (*)

Nos últimos dias, voltou-se a discutir no Brasil os riscos envolvendo exposição de dados pessoais e uso indevido de informações digitais.

Mas a questão mais importante talvez seja outra: o problema da identidade digital não começa no vazamento em si. Começa no fato de que muitos processos ainda tratam dados estáticos como se fossem prova de identidade.

Informações como CPF, nome, data de nascimento, telefone e e-mail não deveriam mais ser considerados suficientes para confiar em alguém. São dados que podem estar corretos, mas não provam que aquela pessoa é quem diz ser. Dessa forma, o desafio hoje não é apenas proteger bases de dados, mas também o uso da identidade ao longo de toda a jornada digital. Cadastro, login, recuperação de conta, mudança de dispositivo, transações sensíveis e atendimento precisam ser tratados como momentos de risco.

Nos últimos anos, os vazamentos de dados deixaram de ser eventos isolados para se tornarem parte recorrente do cenário digital global. Entre os casos mais emblemáticos estão os incidentes envolvendo o Yahoo, em 2013, que afetaram cerca de 3 bilhões de contas. No Brasil, em 2021, um megavazamento colocou em circulação informações atribuídas a mais de 220 milhões de brasileiros, incluindo CPF, telefone e dados cadastrais. Na época, autoridades apontaram que os dados provavelmente não vieram de uma única invasão específica, mas sim da agregação de diferentes bases já expostas anteriormente. Neste mês, a Receita Federal precisou se pronunciar em nota a respeito de um suposto vazamento oferecido em fóruns ilegais.

Desde então, relatórios do setor de cibersegurança vêm apontando o Brasil entre os países com maior volume de dados expostos no mundo. O crescimento dos incidentes também aparece em números oficiais: apenas em 2024, órgãos federais registraram milhares de ocorrências relacionadas à segurança da informação e exposição de dados, além do aumento de notificações envolvendo instituições financeiras e operações ligadas ao Pix. O cenário reforça que o problema atual já não está apenas na existência de vazamentos, mas na capacidade de criminosos utilizarem essas informações para fraudes cada vez mais sofisticadas.

As empresas precisam partir de uma nova premissa: parte relevante dos dados pessoais dos usuários já pode estar exposta. Há algum tempo não é mais possível depender apenas da confidencialidade de dados cadastrais para tomar decisões de confiança. É necessário validar comportamento, dispositivo, biometria, contexto, risco e consistência da jornada.

A pergunta correta deixa de ser a existência real dos dados e passa a ser essa pessoa, nesse dispositivo, nesse momento, com esse comportamento, deveria ser autorizada a seguir. A senha pode ser roubada, reutilizada ou comprada. O CPF pode estar exposto. E a combinação dos dois não prova identidade.

Estamos falando de uma fraude digital muito mais sofisticada, automatizada e barata de executar. Com IA e deepfakes, criminosos conseguem manipular voz, imagem, documentos e mensagens em uma escala inédita. O problema deixa de ser apenas alguém sabe meus dados para alguém pode tentar se passar por mim.

Por isso, a autenticação precisa funcionar como uma camada contínua de confiança. Isso significa biometria com prova de vida, análise de dispositivo, detecção de comportamento suspeito, inteligência de risco e validações adaptativas. Nem todo usuário precisa passar pelo mesmo nível de fricção. O risco irá definir a experiência.

Não dá mais para tratar validação de identidade como uma etapa simples de cadastro. Ela precisa ser uma camada crítica de defesa capaz de impedir que dados expostos sejam transformados em acesso, fraude e prejuízo. Até porque, nos últimos anos, ações judiciais contra empresas relacionadas a vazamentos de dados e fraudes digitais cresceram significativamente após a entrada em vigor da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.

O Brasil avançou muito em digitalização. Bancos, varejo, fintechs, telecom e governo aceleraram a experiência digital. Agora o próximo passo é amadurecer a infraestrutura de confiança por trás dessa transformação. Porque, no fim, confiança digital não é apenas proteção. É condição para crescimento, escala e sustentabilidade da economia digital. Acredito firmemente que o Brasil é o país mais avançado do mundo em termos de digitalização; discuto isso toda semana. É por isso que me mudei para cá e estou trabalhando para construir um VU maior no Brasil.

(*) Founder & CEO da VU.

Confiar em IA generativa para redação pode ser perigoso

Se você tem usado ChatGPT, Claude ou Gemini para ajudá-lo a escrever, cuidado: um novo estudo sugere que o texto aparentemente bem-acabado que você recebe pode não ser tão bom assim.

Vivaldo José Breternitz (*)

Pesquisa publicada na revista *Computers and Composition* aponta que ferramentas de IA criam uma “armadilha da fluência”: produzem textos refinados e convincentes, mas que muitas vezes escondem erros e raciocínio superficial, passando a falsa impressão de que o trabalho tem muita qualidade.

A pesquisa foi conduzida por Abram Anders, professor da Iowa State University e Emily Dux Speltz, professora da Embry-Riddle Aeronautical University. Eles acompanharam 38 estudantes de graduação, ao longo de dois semestres, em um curso chamado “IA e Escrita”. Os alunos esperavam que a tecnologia reduzisse sua carga de trabalho e melhorasse seus textos, mas não foi isso que aconteceu.

Segundo os pesquisadores, a armadilha se instala porque a IA gera frases que são bem estruturadas e transmitem segurança, levando os autores a aceitar o texto sem questionar, mesmo quando ele contém erros, é superficial ou fora de contexto.

Muitos estudantes, no início, trataram a IA como um buscador: digitavam comandos vagos e aceitavam as respostas sem críticas. Com o tempo, perceberam que o uso eficaz exigia planejamento, clareza e consciência do contexto que o texto em produção deveria considerar, o que são habilidades que bons escritores aplicam sem recorrer à IA.

“A IA produz frases que inspiram confiança, usa o tom certo e soa inteligente”, disse Anders. “Mas essas características podem enganar os alunos, levando-os a confiar na qualidade do texto mesmo quando esta é baixa.”

O estudo identifica alguns pontos que quem escreve precisa compreender para usar a IA de forma produtiva, dentre eles não



Fabian_Montaña_CANVA

tratar a IA como uma forma de reduzir a carga de trabalho e sim usá-la para testar ideias, avaliar opções e fortalecer argumentos. Anders e Speltz descrevem essa mudança como a transição de “terceirizar a escrita” para “orquestrá-la”.

O domínio da técnica continua nas mãos humanas. Como conclui o professor Anders: “A IA muda o fluxo de trabalho, mas não muda o fato de que escrever é pensar”.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

Aposta em startups em estágio inicial para novos unicórnios

Em um cenário de retomada dos aportes em inovação, o ecossistema brasileiro de startups movimentou R\$ 12 bilhões em investimentos no primeiro semestre de 2026, um crescimento de 35% em relação ao mesmo período do ano anterior e o melhor resultado já registrado para o setor, segundo a Associação Brasileira de Startups (ABS).

Com a missão de impulsionar o empreendedorismo e acelerar a inovação, a Lions Startups, venture builder voltada à incubação e desenvolvimento de negócios de alto potencial, oferece suporte operacional e estratégico e atua na aproximação entre as empresas e potenciais investidores, incluindo

investidores-anjo e fundos de investimento, criando oportunidades para captação e aceleração do crescimento das companhias incubadas.

Mais do que uma incubadora, a Lions funciona como uma plataforma de aceleração de negócios. As startups selecionadas têm acesso a uma estrutura integrada que combina mentoria estratégica, inteligência de mercado, suporte operacional, desenvolvimento tecnológico, formação de profissionais de TI e IA e conexões com investidores e parceiros de negócio. O objetivo é reduzir os riscos inerentes às fases iniciais da operação e aumentar as chances de crescimento sustentável.

O modelo também favorece a criação de um ambiente colaborativo entre empreendedores, especialistas e investidores. Ao reunir empresas em diferentes estágios de maturidade, a Lions promove a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a geração de sinergias que contribuem para acelerar a inovação e a criação de valor dentro do ecossistema.

Outro pilar da atuação está na formação de talentos e no acesso a capital intelectual qualificado. As startups incubadas passam a integrar um ecossistema que combina capacitação profissional, mentoria executiva e conexões estratégicas com o mercado.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Coursera Lança Ollie, Seu Novo App de Microaprendizagem com IA

@Sabe aquele intervalo de cinco minutos entre uma reunião e outra que você costuma passar rolando o feed das redes sociais? A Coursera quer transformar esse tempo ocioso em produtividade com o lançamento do Ollie, seu novo aplicativo móvel focado em microaprendizagem. Disponível para os assinantes do Coursera Plus - é um plano de assinatura da plataforma Coursera que oferece acesso ilimitado a mais de 90% do catálogo de cursos, projetos guiados, especializações e Certificados Profissionais -, a ferramenta utiliza inteligência artificial de ponta para adaptar grandes conteúdos educacionais à rotina fragmentada dos usuários modernos, oferecendo pílulas de conhecimento personalizadas que podem ser consumidas em poucos minutos por dia.

Jota levanta R\$150 milhões para construir o agente financeiro do empreendedor

@O Jota, assistente financeiro e pessoal que funciona dentro do WhatsApp e em aplicativo próprio, captou R\$ 150 milhões (US\$ 30 milhões) em uma rodada Série A liderada pela Haun Ventures. A operação reúne ainda a HOF Capital e Alter Global, que acompanham a empresa desde a rodada seed, além da Greyhound Capital, e de um grupo de investidores globais que enxergam na inteligência artificial a próxima virada na forma como as pessoas trabalham, tomam decisões e cuidam do próprio dinheiro. O aporte coincide com o lançamento do Jota 2.0, a maior virada do produto desde a estreia: a passagem de um assistente que responde quando perguntado para um agente que se antecipa. Em vez de esperar o comando do cliente, o Jota 2.0 categoriza os gastos automaticamente, controla despesas, organiza as contas e

produz insights proativamente. Nos primeiros testes, o engajamento foi de até cinco vezes o da versão anterior (www.jota.ai).

Rodada da South America League define as três primeiras equipes classificadas para os playoffs

@A FaZe Clan, a FURIA e a Ninjas in Pyjamas avançaram para a fase eliminatória da Etapa 1 da South America League (SAL), torneio regional sul-americano de Rainbow Six Siege. As três equipes venceram todas as partidas que disputaram na rodada do fim de semana, e com isso garantem matematicamente a classificação para a chave superior dos playoffs da competição (https://www.ubisoft.com/en-us/company/about-us).

Capco é reconhecida pela OpenAI por sua inovação e liderança em IA responsável

@A Capco, consultoria global de gestão e tecnologia pertencente à Wipro, foi reconhecida pela OpenAI tanto por sua inovação em inteligência artificial (IA), quanto por sua liderança na adoção responsável da tecnologia. A Capco recebeu o AI Governance & Risk Excellence Award durante o OpenAI Partner Summit 2026, realizado recentemente em San Francisco. O prêmio destaca a capacidade da empresa de entregar soluções de IA em escala corporativa para ambientes altamente regulados. O reconhecimento reforça a expertise vantajosa da Capco em apoiar organizações dos setores de serviços financeiros e de energia na expansão do uso da inteligência artificial com confiança, equilibrando inovação e forte governança para reduzir riscos, fortalecer o compliance e melhorar a experiência dos clientes.

 José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editorias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes	ISSN 2595-8410	